

ESTUDO SEMANAL - 08/03/2017

Tema: AS FILHAS DE ABRAÃO.



Certo sábado Jesus estava ensinando numa das sinagogas, e ali estava uma mulher que tinha um espírito que a mantinha doente **havia 18 anos**. Ela **andava encurvada e de forma alguma podia endireitar-se**. Ao vê-la, Jesus chamou-a à frente e lhe disse: "**Mulher, você está livre da sua doença**". **Então lhe impôs as mãos; e imediatamente ela se endireitou**, e louvava a Deus. Indignado porque Jesus havia curado no **sábado**, o dirigente da sinagoga **disse ao povo**: "Há seis dias em que se deve trabalhar. Venham para ser curados nesses dias, e não no sábado". O Senhor lhe respondeu: "Hipócritas! Cada um de vocês não desamarra no sábado o seu boi ou jumento do estábulo e o leva dali para dar-lhe água? Então, esta mulher, **uma filha de Abraão** a quem Satanás mantinha presa por dezoito longos anos, não deveria no dia de sábado ser libertada daquilo que a prendia?" Tendo dito isso, todos os seus oponentes ficaram envergonhados, mas o povo se alegrava com todas as maravilhas que ele estava fazendo - Lc 13,10-17.

A primeira referência bíblica para mulher está no livro do Gênesis, a palavra "ishshâ", mulher, esposa, fêmea aceita como raiz de hebraica "i'nsh", homem. A palavra "ishshâ" descreve a cópia física do homem. O Dic. Int. Ant. Test. (1998) comenta que a palavra "ishshâ" é usada pela primeira vez com o sentido de **companheira ou esposa**. A proposta de Deus foi dar a Adão alguém com estrutura física apropriada para ele, uma companheira, o que ele via nos outros animais e sentia falta. Quando Deus tentou criar a mulher disse que ela seria auxiliadora do homem: "[...] *Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie, que lhe corresponda*" (Gn 2:18).

O texto de Gn 3:16 (relato da queda), no judaísmo, e em outras culturas, fora usado para enfatizar a inferioridade e a subordinação das mulheres. O homem explorou o julgamento de Deus, subjugando a mulher, de uma forma não desejada pelo Criador. A mulher passou a ser apenas um objeto, não podia pensar ou agir sem que seus desejos estivessem totalmente submissos, ao seu "dono", que era o seu marido. Sobre isso a Profa de NT Margareth Lachler (1987) comenta que: "*O homem pecaminoso perdeu também a percepção divina da mulher*" e as identidades e o papel desempenhados pelo homem e pela mulher na história da humanidade não são incompatíveis com a igualdade de valor.

Após a queda, Deus disse que o desejo da mulher seria para o seu marido e que ele seria o seu senhor, mas não deu a ele o direito de inferiorizá-la, despezá-la e hostilizá-la. Na sociedade judaica patriarcal as mulheres não podiam ler, estudar, muito menos pensar; falavam muito pouco. Ocupavam um lugar inteiramente subalterno, e a **sua vontade estava subordinada a vontade do pai ou do marido**. GRENZ e KJESBO (1998) comentam que com a vinda do Salvador "*os efeitos da queda podem ser*

superados. A redenção de Cristo inclui a liberação da hierarquia como o princípio fundamental para os relacionamentos homem-mulher”.

No judaísmo veterotestamentário não era comum considerar a mulher como um ser próprio, **mas sempre em relação ao homem**, sob cuja autoridade ela estava colocada. A mulher não tinha o direito de escolher o seu próprio marido, pois era vista como uma mercadoria. Primeiro pertencia ao pai, que a vendia ou negociava com o seu futuro marido. Este a recebia como um objeto de comércio ileso, devidamente inspecionado, sendo que qualquer sinal de uso anterior era motivo para a condenação à morte. Qualquer violação representava uma ofensa aos direitos do comprador. Além disso, a mulher **entrava na categoria dos bens do marido**. Isso pode ser observado no decálogo: “*Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seus servos ou servas, nem seu boi ou jumento, nem coisa alguma que lhe pertença*” (Êx 20:17). Rosemary Ruether (1993) comenta que a mulher nesse contexto “*de pessoa ela passa a ser propriedade a ser comprada e vendida, passada do pai ao marido pelo preço de dois bois de arado*”.

Considerava-se uma grande desgraça a mulher tomar parte ativa no culto na sinagoga. No tocante à vida religiosa, **a mulher estava totalmente desobrigada de fazer qualquer peregrinação à Jerusalém para as festas e de recitar diariamente o Shemá** (Dt 6:4-9). Ana Maria Tepedino (1990) enfatiza que a mulher era excluída de todos os ministérios cultuais “*porque era acusada de se inclinar facilmente à idolatria. Não precisava rezar três vezes ao dia, não tinha que morar em cabanas na festa das Tendias [...]*”. A mulher não somente era inferior ao homem na sociedade judaica, como também **era anulada do ponto de vista religioso**. Para o pai, a filha, era sempre motivo de preocupações. Isso pode ser observado no livro de Sirácida.¹

Uma filha, para um pai, é causa secreta de insônia, e a preocupação que afasta o sono: quando jovem, porque ela arrisca de passar da flor da idade; uma vez casada, porque poderia ser repudiada; na sua virgindade, corre o perigo de ser deflorada e de ficar grávida na casa de seu pai; quando unida ao marido, corre o perigo de tornar-se infiel e, na casa de seu marido, corre o perigo de ser estéril (Sr 42:9-10).

Durante muitos séculos a mulher permaneceu numa condição bem inferior aos homens. O teólogo John Stott (1998) diz que “*o desejo de Deus era que desde o princípio na complementaridade sexual incluísse a ‘liderança’ masculina, como argumenta Paulo, mas isto se degenerou em prepotência*”. As diferenças existentes entre os sexos fazem parte dos planos que o Senhor tem para nós, mas **NÃO** apenas de **complementariedade**, mas também de igualdade, Gl 3:28 “*Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus*”. Em Cristo Jesus, somos iguais e uma das passagens que mais revelam nossa filiação em Cristo está em Lc 13:10-17. E, diante das várias possibilidades de leitura desse texto, percebe-se que **essa mulher representa simbolicamente a situação de todas as mulheres da época de Jesus**.

O evangelista Lucas é o único a narrar o episódio da mulher, encurvada há 18 anos, curada por Jesus, dentro de uma sinagoga e num dia de sábado. Essa mulher não se preocupa com os gritos do dirigente da sinagoga e busca a sua cura no único que via a diferença entre religião e amor, **Jesus de Nazaré**. Este toma uma direção oposta a todas as maneiras pelas quais as mulheres eram diminuídas em seu valor como ser humano. Jesus se revela contra a proibição da mulher assumir a postura que Deus havia dado a ela desde a criação, de permanecer ereta diante dos homens e da

¹ Ou “Eclesiástico” – livro que faz parte dos livros apócrifos ou deuterocanônicos.

comunidade. **Jesus invade um contexto histórico no qual a mulher é despersonalizada, desfigurada e desvalorizada, e a restaura à postura de ser humano, criada à imagem de Deus.**

A lei impunha severas penas para quem violasse as regras, especialmente no sábado, e a cura era considerada uma forma de trabalho. Os dirigentes da sinagoga não admitiam a cura no sábado, pois a lei dizia: *“Lembra-te do dia de sábado para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum [...]”* (Ex 20:8-10). A resposta do dirigente mediante a sua indignação pela cura de Jesus foi: *“Há seis dias em que se deve trabalhar. Venham para ser curados nesses dias, e não no sábado”* (Lc 13:14). A ação de Jesus violou não somente a regra da guarda do sábado, mas outras regras observadas na narrativa de Lucas, perfazendo um total de quatro regras violadas para curar uma mulher:

1ª Jesus fala com uma mulher em público o que era proibido. *“Ao vê-la, Jesus **chamou-a** à frente e **lhe disse**: [...]”* (Lc.13:12).

2ª Jesus fez a mulher entrar na área da sinagoga reservada apenas para os homens judeus e não considerou a barreira da separação que era norma padrão da distribuição dos lugares na sinagoga. *“Jesus chamou-a à frente [...]”* (Lc 13:12)

3ª Jesus chamou a mulher até o local onde ele estava e impôs as mãos sobre ela. Jesus utilizava a área restrita ao sacerdote, portanto proibida para as mulheres. *“[...] à frente [...] **lhe impôs as mãos** [...]”* (Lc. 13:12,13).

4ª Jesus cura mulher no sábado e viola o dia santo para o judeu. *“Em seis dias qualquer trabalho poderá ser feito, mas o sétimo dia **lhes será santo** [...] todo aquele que trabalhar nesse dia terá que ser morto”* (Êx 35:2).

As regras da sinagoga para Jesus eram inválidas e desmoralizantes em relação àquela mulher que não suportava mais viver encurvada por um espírito que a mantinha prisioneira. Em Lc 13:15,16, Jesus revela para todos os presentes na sinagoga a grande diferença entre religiosidade e serviço:

O Senhor Ihe respondeu: “Hipócritas! Cada um de vocês não desamarra no sábado o seu boi ou jumento do estábulo e o leva dali para dar-lhe água? Então, esta mulher, uma **filha de Abraão** a quem satanás mantinha presa por dezoito longos anos, não deveria no dia de sábado ser libertada daquilo que a prendia?”.

A teóloga Margareth Lachler diz que Cristo deu *“[...] àquela mulher um título de honra [...] enfatizando sua condição espiritual e o privilégio de ser uma filha de Abraão, o mesmo pai dos religiosos judeus”*. A expressão “filha de Abraão” era uma afirmação judaica de **orgulho, dignidade e valorização**. Ter Abraão como pai significava fazer parte de uma aliança.

Ao chamar a atenção da congregação para o *status* dessa mulher como “filha de Abraão”, **Jesus estava colocando-a integralmente dentro da comunidade da aliança**. Jesus estava mostrando a todos ali presentes que o lugar da mulher era ao lado de seus irmãos: **filhos e filhas da mesma aliança**. E não apenas aquela mulher, mas todas as mulheres criadas a imagem e semelhança de Deus.

CONCLUSÃO

A partir das atitudes e palavras de Jesus como as demonstradas na narrativa bíblica do Evangelho de Lucas 13:10-17 e em várias outras (samaritana – Jo 4, mulher que ungiu Jesus - Mc 14,

Maria Madalena – Jo 20 e várias outras), **o Reino de Deus irrompeu na história para libertar todas as mulheres**, inclusive aquelas que estão presas pelas cordas de uma hermenêutica androcêntrica acreditando que os privilégios de anunciar Cristo são apenas dos homens. O apóstolo Paulo também destacou inúmeras mulheres (Rm 16) que foram suas cooperadoras de ministério.

É interessante notar que, logo em seguida ao episódio da cura dessa mulher que há 18 anos estava encurvada, Jesus conta **duas parábolas** que falam do **Reino de Deus**, ou, mais especificamente, que explicam como se dá o avanço do Reino de Deus no mundo. “*A que é semelhante o reino de Deus, e a que o compararei?*” (Lc 13:18), indaga Jesus, como que procurando uma maneira de apresentar a sua própria perspectiva de como as coisas acontecem no Reino de Deus. E Ele continua: “*é semelhante a um grão de mostarda que um homem plantou na sua horta, e cresceu e fez-se árvore [...] (v. 19); é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado*” (v.20). As duas parábolas andam juntas e não apenas porque falam de crescimento mas também porque Jesus emprega **os dois gêneros – homem e mulher** – para ilustrar como Ele e seu Reino operam no mundo. É possível notar aqui um eco com o relato da criação onde encontramos o propósito de Deus: homem e mulher juntos na mordomia de toda a criação e sendo um em Cristo (Gl 3:28).

Através da narrativa bíblica em destaque, percebe-se os sinais do Reino de Deus brotando na história. E, que as mulheres foram libertas de todas as amarras que as prendiam e as impediam de viver a integralidade da vida humana. Apesar de quase dois mil anos de espera quando no final do séc.18, com a Rev. Francesa, as mulheres começarão a definir seu papel na sociedade. E cabe a igreja do Senhor valorizar as mulher como de fato elas merecem, como Filhas de Abraão, mulheres aliançadas com Deus, chamadas para anunciarem as Boas de Cristo ao lado dos filhos de Abraão.